

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema da fantasia acompanha-me de longa data, desde meus primeiros contatos com a psicanálise de Freud. Foi suscitado pela abrangência e riqueza do termo único - *Fantasie* - utilizado em toda a obra, apesar de ser circunscrito de forma diferenciada em diversos momentos do desenvolvimento da teoria psicanalítica, assumindo valores conceituais diversos que pretendo delimitar.

A teorização freudiana relativa ao conceito de fantasia estende-se desde os iniciais “*Estudos Sobre a Histeria*” (1893-1895)<sup>1</sup> até o ponto da fantasia inconsciente irreduzível, desenvolvida em “Uma Criança É Espancada – Uma Contribuição Ao Estudo Da Origem Das Perversões Sexuais” (1919)<sup>2</sup>; texto paradigmático, porém instigante, na medida em que evoca uma outra dimensão de fantasia, ou dito de outra forma, evoca uma fantasia “especial” que nos remete à própria estrutura do sujeito, enquanto aquele que está sempre numa posição à mercê de um Outro.

Lacan, sem dúvida, veio avançar no estudo da fantasia<sup>3</sup>, a partir de seu retorno a Freud. Suas contribuições determinam, inexoravelmente, alterações importantes, tanto em relação à posição do analista quanto à própria direção do tratamento analítico.

O caráter paradoxal da fantasia fundamental, mais precisamente, de uma estrutura que funda o sistema, como um axioma, mas que permanece apartada dele, de um ponto irreduzível, que não muda, parece explicar porque a literatura psicanalítica a esse respeito é muito mais escassa do que a existente sobre as formações do inconsciente. Na teoria psicanalítica, a literatura sobre fantasias praticamente limitou-se à sua vertente imaginária, que foi enfatizada principalmente pelos psicanalistas kleinianos. Lacan, por sua vez, enfatizou sua

---

<sup>1</sup>FREUD, S., ESB-1976, vol. II.

<sup>2</sup>FREUD, S., ESB-1976, vol. XVII, p. 223..

<sup>3</sup>Não desconhecendo as diversas contribuições de analistas da escola inglesa de psicanálise (Melanie Klein, Susan Isaacs, Paula Heimann e outros) além das contribuições dos analistas anafreudianos; priorizamos, entretanto, nesse momento a escola francesa.

dimensão simbólica e postulou como indispensável situar o ponto limite da fantasia fundamental, na condução do tratamento.

De que modo as contribuições lacanianas referentes à fantasia trouxeram avanços para a teoria psicanalítica? Que efeitos essas idéias vieram provocar na clínica?

Objetivando responder a tais questões, esse estudo apóia-se principalmente na obra de Freud e Lacan, incluindo também autores brasileiros e estrangeiros que tenham contribuído com o tema em questão.

No primeiro capítulo serão apresentadas as diversas nuances que esta estrutura psíquica vai adquirindo no decorrer do desenvolvimento da obra freudiana. Inicialmente será apontada a importância das fantasias, evidenciada por Freud, nos relatos das histéricas. A seguir será desenvolvida a idéia das fantasias poderem ser causa de sintomas, contrariando a tese, até então vigente, da sedução traumática como gênese da neurose. Este momento, de suma importância no desenvolvimento da teoria psicanalítica, tem como marco inaugural a carta 69 a Fliess<sup>4</sup> (21/07/1897), e culmina com a noção de “realidade psíquica” que é a realidade decisiva para o pensamento psicanalítico, premissa que permanece válida até o fim da obra. Será tratada também a dimensão estruturante das fantasias originárias, como um meio organizador capaz de fornecer significação para situações enigmáticas que se apresentam para todo sujeito.

As fantasias, enquanto precursoras dos sintomas psíquicos, relacionam-se com os processos conscientes, pré-conscientes e inconscientes. No âmbito da primeira tópica freudiana, verificamos a predominância da fantasia articulada à realização de desejos e ao primado do “princípio do prazer”. Sob esta ótica, apontamos os diversos processos psíquicos aos quais a fantasia foi equiparada por Freud: os sonhos, o brincar infantil, a vivência do drama teatral e os escritos criativos.

À medida que o interesse de Freud foi arrebatado por fenômenos e evidências de sua clínica, que contrariavam a prevalência do “princípio do prazer” no funcionamento psíquico, a teoria da compulsão à repetição e do fator pulsional mais além do “princípio do prazer”, foi se impondo a Freud de modo insistente. O artigo sobre a fantasia de espancamento, de 1919, acentua uma nova dimensão da

---

<sup>4</sup> FREUD, S., E.S.B.-1976, vol. 1, p. 350.

estrutura fantasmática, que traz em si a marca da pulsão de morte. O caráter masoquista predomina, deixando a fantasia fundamental numa posição à parte da estrutura da neurose. Trata-se aqui de um outro tempo da clínica freudiana: é o tempo da construção, necessária, da fantasia fundamental na análise e, através desta construção, da aproximação com o irreduzível da castração.

Com Lacan, a análise ultrapassa este limite do “rochedo da castração” e segue no sentido de um fim “muito mais ambicioso”, parafraseando Freud em 1937<sup>5</sup>. Neste artigo, Freud colocou em questão a possibilidade de se atingir, ao fim de uma análise, um nível tal de “normalidade psíquica absoluta”, capaz de permanecer estável pela vida afora do sujeito, sem risco de repetição do processo patológico. Em seguida após analisar os fatores que podem comprometer o sucesso do tratamento analítico ele diz:

“Há quase sempre fenômenos residuais, uma pendência parcial. ...A transformação nunca é completa e resíduos de fixações libidinais anteriores ainda podem ser mantidos na configuração final.”<sup>6</sup>

O movimento ambicioso de Lacan, entretanto, certamente não vai no sentido de buscar a “normalidade psíquica absoluta”, totalmente livre de sintomas, como o próprio Freud havia questionado. Pelo contrário; trata-se de chegar ao momento em que o sujeito possa destituir-se dos significantes tomados do Outro, que o aprisionaram através das identificações ideais, e possa experimentar-se como falta-a-ser.

No segundo capítulo, “A fantasia em Lacan”, serão abordados pontos de avanço do autor relativos à fantasia fundamental<sup>7</sup>. Iniciaremos pelo seminário cinco<sup>8</sup>, que é onde Lacan introduz o matema da fantasia, apoiado por fundamentos da Lógica, visando uma escritura estrutural. Em seguida, acompanharemos as elaborações lacanianas referentes ao tema nos seminários sete, oito, dez, onze e quatorze, priorizando, entretanto, nesta pesquisa, o texto “Kant com Sade”

<sup>5</sup> FREUD, S., “Análise Terminável e Interminável” (1937), ESB-1976, vol. XXIII, p. 251.

<sup>6</sup> FREUD, S., “Análise Terminável e Interminável” (1937), ESB-1976, vol. XXIII, p.261.

<sup>7</sup> LACAN, quando se refere a esta fantasia especial, utiliza prioritariamente a palavra *fantasme*, que no português pode ser traduzida como fantasma, mas também como ilusão, sonho, imaginação: Dicionário Michaelis Francês-Português, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1998. Não é por acaso que o termo *fantasia* aproxima-se etimologicamente de *fantasma*, que significa aparição, imagem que aparece no espírito e, em latim, significa visão (Quinet, A., “Um Olhar A Mais). A fantasia fundamental apresenta-se deste mesmo modo para o sujeito; daí talvez Lacan ter preferido utilizar *fantasme* ao invés de *fantaisie*, que estaria mais próxima do imaginário.

<sup>8</sup> LACAN, J., O Seminário-livro 5 (1957-58): “As formações do Inconsciente” (1999).

<sup>9</sup>(1962). Este texto paradigmático é privilegiado por ser o escrito onde Lacan explora, com toda amplitude, a relação do sujeito com a fantasia, tanto no âmbito da neurose quanto da perversão.

No terceiro capítulo, a fantasia será pensada em relação às suas implicações clínicas. Serão destacados dois aspectos: as relações da fantasia com o sintoma e com o final de análise. Com referência às relações entre fantasia e sintomas psíquicos, serão enfatizados os pontos de diferença entre essas duas dimensões clínicas, além das variações na forma de responder à questão do desejo do Outro, vistas através das fórmulas da fantasia histérica e da fantasia obsessiva, construídas por Lacan no seminário oito<sup>10</sup> (1960-61).

O final de análise é abordado especialmente a partir das expressões lacanianas “*travessia da fantasia*” e “*destituição subjetiva*”, referentes à articulação deste momento com a passagem do analisando a analista. Especialmente a expressão “*atravessar a fantasia*”<sup>11</sup>, inédita na teoria psicanalítica até então, tem provocado importantes discussões, por parte dos analistas, tanto de aspectos metapsicológicos como de aspectos diretamente relacionados à condução do tratamento. Temos testemunhado, mesmo no círculo dos seguidores da escola francesa de psicanálise, que as teorizações advindas dessa construção lacaniana, têm freqüentemente suscitado um grande número de mal-entendidos. Na tentativa de esclarecer ao menos alguns desses impasses e assim contribuir para o desenvolvimento do pensamento psicanalítico nos dias atuais, proponho essa pesquisa, que se manterá no espaço da articulação entre teoria e prática.

---

<sup>9</sup> LACAN, J., “Kant com Sade”(1962), in *Escritos*, 1998, p.776.

<sup>10</sup> LACAN, J., O Seminário-livro 8 (1960-1961): “A Transferência”, 1992, p.248.

<sup>11</sup> LACAN, J., Lo Seminario 10 (1962-1963): “La Angustia”(inédito), versão argentina em CD ROM – clase 25 (3/07/1963): “... El goce para nosotros no este, por naturaleza, prometido al deseo que el deseo no pueda hacer más que ir a su encuentro y que, para encontrarlo, el deseo no deba sólo comprender sino **atravesar el fantasma** mismo que lo sostiene y lo construye...” (grifo meu).